

Disse-lhes novamente: paz convosco! Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio.

João 20:21

Paz

Muita gente inquieta, examinando o intercâmbio entre os novos discípulos do Evangelho e os desencarnados, interroga, ansiosamente, pelas possibilidades da colaboração espiritual, junto às atividades humanas.

Por que razão os emissários do invisível não proporcionam descobertas sensacionais ao mundo?

Por que não revelam os processos de cura das

moléstias que desafiam a Ciência?

Como não evitam o doloroso choque entre as nações?

Tais investigadores, distanciados das noções de justiça, não compreendem que seria terrível furtar ao homem os elementos de trabalho, resgate e elevação. Aborrecem-se, comumente, com as reiteradas e afetuosas recomendações de paz das comunicações do além-túmulo, porque ainda não se harmonizaram com o Cristo.

Vejamos o Mestre com os discípulos, quando voltava a confortá-los, do plano espiritual. Não lhe observamos na palavra qualquer recado torturante, não estabelece a menor expressão de sensacionalismo, não se adianta em conceitos de revelação supernatural.

Jesus demonstra-lhes a sobrevivência e deseja-lhes paz.

Será isso insuficiente para a alma sincera que procura a integração com a vida mais alta? Não envolverá, em si, grande responsabilidade o fato

de reconhecerdes a continuação da existência, além da morte, na certeza de que haverá exame dos compromissos individuais?

Trabalhar e sofrer constituem processos lógicos do aperfeiçoamento e da ascensão. E que atendamos a esses imperativos da Lei, com bastante paz, é o desejo amoroso e puro de Jesus Cristo.

Esforcemo-nos por entender semelhantes verdades, pois existem numerosos aprendizes aguardando os grandes sinais, como os preguiçosos que respiram à sombra, à espera do fogofátuo do menor esforço.

(*Caminho, verdade e vida*. FEB Editora. Cap. 53)

Ideia espírita⁷⁴

Todos nós, em Doutrina Espírita, desaprova-mos qualquer inclinação ao exclusivismo e à intransigência.

Nenhuma religião existe órfã da Providência

divina.

Nenhuma parcela da verdade reponta na Terra, endereçada ao desapreço.

Por outro lado, não ignoramos que a transmissão dos nossos princípios começa na reforma individual.

Chamados, porém, a colaborar na seara da nova Revelação, é necessário consagrar o melhor de nós mesmos à ideia espírita, de modo a prestigiá-la e desenvolvê-la.

Nada fácil organizar escritórios e adquirir rotativas da grande imprensa, mas todos, sem exceção, dispomos de meios, ainda que modestos, a fim de apoiar essa ou aquela folha doutrinária que divulgue a ideia espírita.

Muito difícil senhorear integralmente as atividades de emissora moderna; contudo, ninguém aparece tão desvalido que não possa ofertar pequeno esforço para que a ideia espírita seja mantida em minutos breves pela onda radiofônica ou pelos canais da televisão.

Nem sempre dominaremos a tribuna com a retórica perfeitamente unida à gramática; no entanto, por mais humildes que sejamos, todos podemos, através da palavra sincera, expor a ideia espírita com franqueza e carinho, edificando a quem ouve.

Muito raramente lograremos organizar editoras para o lançamento de obras em massa; todavia, nenhum de nós está impedido de oferecer um livro que contenha a ideia espírita, para consolo e esclarecimento de quem lê.

Em toda a parte, surge o impositivo da ideia espírita: na interpretação religiosa, para que a fé não se converta em fanatismo; nos estudos filosóficos, para que a exposição verbal não seja discurso infrutífero; nas realizações científicas, para que a experimentação não se faça loucura; nas empresas da arte, para que o sentimento não se despremire no vício.

O mundo tem sede de raciocínios, em torno da imortalidade da alma, do intercâmbio espiri-

tual, da reencarnação, da morte física, dos valores mediúnicos, da desobsessão, das incógnitas da mente, dos enigmas da dor e, sobretudo, ao redor das Leis divinas a funcionarem, exatas, na consciência de cada um. Para que obtenhamos solução a semelhantes problemas, urge saibamos trabalhar pela difusão da ideia espírita, na construção da Era nova, irradiando-a com todos os recursos lícitos ao nosso alcance, com base no veículo do exemplo.

(*Reformador*, jan. 1964, p. 23)

Assim como

Todo cristão sincero sabe como o Senhor supremo enviou à Terra o Embaixador divino.

Fê-lo nascer na manjedoura singela.

Deu-lhe trabalho construtivo na infância.

Conferiu-lhe deveres pesados, na preparação, com prece e jejum no deserto.

Inspirou-lhe vida frugal e simples.

Não lhe permitiu o estacionamento em alegrias artificiais.

Conduziu-o ao serviço ativo no bem de todos.

Inclinou-lhe o coração para os doentes e necessitados. Enviou-o ao círculo de pecadores contumazes.

Induziu-o a banquetear-se com pessoas consideradas de má vida, para que o seu amor não fosse uma joia de luxo e sim o clima abençoados para a salvação de muitos.

Fê-lo ensinar o bem e praticá-lo entre os paralíticos e cegos, leprosos e loucos, de modo a beneficiá-los.

E, ao término de sua missão sublime, deu-lhe a morte na cruz, entre ladrões, com o abandono dos amigos, sob perseguição e desprezo, para que as criaturas aprendessem o processo de sacrifício pessoal, como garantia de felicidade, a caminho da ressurreição do homem interior na vida eterna.

Foi assim que o supremo Pai enviou à Terra o Filho divino e, nesse padrão, podemos entender o que Jesus desejava dizer quando asseverou que expediria mensageiros ao mundo nas mesmas normas.

Assim, pois, o cristão que aspira a movimentar-se entre facilidades terrestres, certamente ainda não acordou para a verdade.

(*Vinha de luz*. FEB Editora. Cap. 165)

Palavras de esperança

Se não admites a sobrevivência depois da morte, interroga aqueles que viram partir os entes mais caros; inquire os que afagaram as mãos geladas de pais afetuosos nos últimos instantes do corpo físico; sonda a opinião das viúvas que abraçaram os esposos na longa despedida, derramando as agonias do coração no silêncio das lágrimas; informa-te com os homens sensíveis que sustentaram nos braços as companheiras emudecidas, tentando, em vão, renovar-lhes

o hálito na hora extrema; procura a palavra das mães que fecharam os olhos dos próprios filhos, tombados inertes nas primaveras da juventude ou nos brincos da infância... Pergunta aos que carregaram um esquife, como quem sepulta sonhos e aspirações no gelo do desalento, e indagados que choram sozinhos, junto às cinzas de um túmulo, perguntando por quê...

Eles sabem, por intuição, que os mortos vivem e reconhecem que, apenas por amor deles, continuam igualmente a viver.

Sentem-lhes a presença no caminho solitário em que jornadeiam, escutam-lhes a voz inarticulada com os ouvidos do pensamento e prosseguem lutando e trabalhando, simplesmente por esperarem os supremos regozijos do reencontro.

Se um dia tiveres fome de maior esperança, não temas, assim, rogar a inspiração e a assistênc-

cia dos corações amados que te precederam na grande viagem. Estarão contigo a sustentarem-te as energias nas tarefas humanas quais estrelas no céu noturno da saudade, a fim de que saibas aguardar, pacientemente, as luzes da alva.

Busca-lhes o clarão de amor nas asas da prece e, se nos templos veneráveis do Cristianismo, alguém te fala de Moisés, reprimindo as invocações abusivas de um povo desesperado, lembrete de Jesus ao regressar do sepulcro para a intimidade dos amigos desfalecentes, exclamando em transportes de júbilo: “A paz seja convosco”.

(*Justiça divina*. FEB Editora. Cap. 35)

⁷⁴ Texto publicado em *Livro da esperança*. Ed. Comunhão Espírita Cristã. Cap. 68, com pequenas alterações.